

**A LUTA CONTRA A AMNÉSIA HISTÓRICA
NA LITERATURA CARIBENHA CONTEMPORÂNEA**

The struggle against historic amnesia in contemporary Caribbean literature

Leila Assumpção Harris

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

harris.leila@gmail.com

Priscilla da Silva Figueiredo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)/Colégio de Aplicação

priscillafigueiredo.rj@gmail.com

RESUMO

Embora o movimento de colonização tenha terminado há muito tempo, é possível observar seus efeitos duradouros – a colonialidade do poder – sobre a população e as instituições da América Latina e do Caribe. A colonialidade molda não só mentes e corpos, mas também o discurso, evidenciando uns e silenciando muitos outros. O objetivo deste artigo é discutir dois romances de escritoras caribenhas residentes nos Estados Unidos, que dialogam com a história de seus países, colocando em xeque o discurso oficial. Em *The True History of Paradise*, Margaret Cezair-Thompson abre o arquivo de histórias que sua protagonista ouve desde criança e constrói uma historiografia ficcional da Jamaica desde o início da colonização. Já em *Song of the Water Saints*, Nelly Rosario focaliza a trajetória de quatro gerações de mulheres dominicanas negras e pobres de uma mesma família durante oitenta e três anos. Embora a representação literária de momentos históricos sirva mais como pano de fundo, a obra se constitui em um espaço de produção histórica. Ambos os romances ressaltam o papel da literatura como um espaço de resistência decolonial, criando contranarrativas que competem com a historiografia e incluindo vozes previamente silenciadas.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialidade; História; Literatura Caribenha; Margaret Cezair-Thompson; Nelly Rosario.

ABSTRACT

Although the movement of colonization ended a long time ago, one observes its lasting effects – coloniality of power – upon the population and institutions of Latin America and the Caribbean. Coloniality has shaped not only minds and bodies but also the discourse, authorizing some to speak up while silencing many others. The purpose of this article is to discuss two novels produced by Caribbean women who live in the United States. Both works establish a dialogue with the History of their respective countries, challenging the official discourse. In *The True History of Paradise*, Margaret Cezair-Thompson opens the archives of stories that her protagonist has heard since childhood, creating a fictional historiography of Jamaica since the beginning of colonization. In *Song of the Water Saints*, Nelly Rosario chronicles the story of four generations of poor black Dominican women from the same family over a span of eighty-three years. Although the literary representation of historic incidents functions more as a backdrop in specific moments, the novel is also a site of history production. Both novels highlight the role of literature as a space of decolonial resistance, offering counternarratives to the official history and including the voices of those previously silenced.

KEY-WORDS: Coloniality; History; Caribbean Literature; Margaret Cezair-Thompson; Nelly Rosario.

I. O Caribe: resgatando histórias interrompidas

Mesmo durante momentos tidos como democráticos, a história da região da América Latina e do Caribe inclui longos períodos de ditaduras, estados de emergência, invasão internacional, além de casos de terrorismo e violência de Estado, tais como desaparecimentos, tortura e execuções sumárias. Esses eventos trágicos, que parecem ser o *modus operandi* de diferentes governos latino-americanos e caribenhos não são meramente azar ou coincidência; antes, estão profundamente enraizados na experiência da colonização. De acordo com o sociólogo peruano Aníbal Quijano, a nova ordem mundial que foi inaugurada no século XVI com as invasões do hoje chamado continente americano e o colonialismo aqui implantado, não terminou quando as colônias do continente alcançaram sua independência, tornando-se nações-estado. A colonização europeia não se limitou ao controle da mão de obra e dos recursos naturais da região; incluiu também o domínio das diversas crenças e dos diversos conhecimentos produzidos pelos povos escravizados, explorados e exterminados. A esse efeito permanente da colonização nos corpos e nas mentes dos povos e indivíduos afetados, Quijano dá o nome de “colonialidade do poder”. De acordo com Quijano em seu texto “Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latin America” (2000), a classificação social da população colonizada de acordo com a ideia de raça foi um dos eixos fundamentais na criação desse novo padrão de poder mundial, estabelecendo uma distinção supostamente biológica entre conquistadores e conquistados. O outro eixo foi baseado na articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos (QUIJANO, 2000, p. 533-34). Quijano observa que no decorrer de três séculos de colonização, o grande número de povos originários encontrados, suas histórias, línguas e conhecimentos foram reduzidos a uma única identidade racial, colonial e negativa: índios. De modo semelhante, com o passar do tempo, os povos trazidos forçadamente do continente que veio a ser conhecido como África também adquiriram uma identidade única: negros (QUIJANO, 2000, p. 551). De acordo com Quijano, “duas implicações decisivas” resultaram da história do poder colonial:

A primeira é óbvia: todos aqueles povos foram despojados de suas próprias e singulares identidades históricas. A segunda é, talvez, menos óbvia, mas não é menos decisiva: sua nova identidade racial, colonial e negativa, envolveu o despojo de seu lugar na história da produção cultural da humanidade. Daí em diante, passaram a ser vistos como raças inferiores, capazes somente de produzir culturas inferiores (QUIJANO, 2000, p.552)¹.

Para além das questões da divisão de mão de obra, em “Colonialidade e modernidade/racionalidade” (2007), Quijano afirma que os colonizadores também impuseram uma imagem mistificada de si próprios e de sua cultura, de maneira que seu domínio permanecesse mesmo no caso de independência. Como estratégia, eles estabeleceram como padrão cultural algo muito fora do alcance dos povos dominados; em seguida, ensinaram esse padrão de forma parcial e seletiva a uma parte desses povos dominados, visando cooptar alguns para suas instituições de poder. Dessa forma, Quijano conclui que a cultura europeia se tornou sedutora porque ela deu acesso ao poder (QUIJANO, 2007, p. 169). As elites locais começaram a fazer parte das instituições coloniais e, ainda hoje, desfrutam de uma série de privilégios e contribuem para reprimir quaisquer tentativas de subversão da ordem colonial imposta. Por fim, além de impor sua cultura, os colonizadores também reprimiram as produções de conhecimento e as perspectivas de mundo que pertenciam aos povos dominados. Suas culturas, incluindo imagens, símbolos e expressões

¹ No original: “The first is obvious: peoples were dispossessed of their own and singular historical identities. The second is perhaps less obvious, but no less decisive: their new racial identity, colonial and negative, involved the plundering of their place in the history of the cultural production of humanity. From the non, there were inferior races, capable only of producing inferior cultures”. A não ser pelas traduções identificadas nas referências bibliográficas, todas as outras são de nossa autoria.

religiosas, foram consideradas inferiores e inadequadas, fadadas ao desaparecimento. Ao fazer isso, a colonialidade destituiu os discursos produzidos pelos povos dominados de qualquer autoridade e os reduziu a um conjunto de credulidades e folclore, sem qualquer poder de organizar a existência coletiva. Como pondera Quijano:

A repressão cultural e os genocídios em massa, juntos, transformaram as altas culturas da América pré-colombiana em subculturas camponesas e analfabetas, condenadas à oralidade; ou seja, privadas de seu próprio padrão de formalidade, de objetividade, de intelectualidade e de suas expressões plásticas ou visuais. Daquele momento em diante, os sobreviventes [desse processo] não teriam outra forma de expressão intelectual e plástica ou visual, formalizada e objetivada, senão através dos padrões culturais dos dominadores, ainda que os subvertendo em alguns casos para transmitir outras necessidades de expressão. A América Latina [e o Caribe] é, sem sombras de dúvidas, o caso mais extremo de colonização cultural feita pela Europa (QUIJANO, 2007, p. 170)².

Maria Lugones reconhece a importância das análises de Quijano, porém observa que o sociólogo é silente no que diz respeito ao efeito da colonialidade na divisão sexual e de gênero imposta sobre os povos e populações dominadas. A socióloga e filósofa argentina argumenta que, ao aceitar o entendimento capitalista e eurocêntrico de gênero, Quijano não considera como essas categorias podem se tornar, juntamente com a classe e a raça, instrumentos de dominação colonial. De acordo com Lugones, a colonialidade desestabiliza relações entre indivíduos utilizando o sistema de gênero como mais um eixo que possibilita que seus efeitos se perpetuem. E é nessa intersecção de raça, classe, gênero e sexualidade que – afirma ela – pode-se perceber a indiferença dos homens, sobretudo os racializados, também vítimas da violência colonial, diante das violências perpetuadas sobre as mulheres negras e indígenas. Sobre a importância de “desvendar” o sistema de gênero e sexualidade imposto pelo poder colonial, em seu texto “The coloniality of gender” (2008), Lugones declara:

entendo que seja necessário desvendar o alcance e as consequências da cumplicidade com esse sistema de gênero. Entendo que articular esse sistema de gênero colonial/moderno, tanto de uma maneira ampla quanto em sua concretude detalhada e vivida vai nos capacitar a ver o que nos foi imposto. Vai nos capacitar a ver também seu poder destrutivo fundamental de forma ampla e extensa (LUGONES, 2008, p. 1)³.

No espaço caribenho contemporâneo, a diversidade de sociedades e culturas está firmemente atrelada aos processos de colonização. Catherine Hall observa que os povos originários da região foram praticamente dizimados na primeira onda de colonização – a espanhola – a partir do final do século XV. Em consequência, quase toda a população da região é proveniente de outros lugares, incluindo povos que foram levados à força através do tráfico de escravos, aqueles deslocados (ainda que com contratos) de uma parte do Império Britânico para outra, além dos que tentavam escapar de

² No original: “The cultural repression and massive genocides together turned the previous high cultures of America into illiterate, peasant subcultures condemned to orality; that is, deprived of their own pattern of formalized, objectivised, intellectual, and plastic or visual expression. Henceforth, the survivors would have no other modes of intellectual and plastic or visual formalized and objectivised expressions, but through the cultural patterns of the rules, even if subverting them in certain cases to transmit other needs of expression. Latin America [and the Caribbean] is, without a doubt, the most extreme case of cultural colonization by Europe”.

³ No original: “I think it necessary to unveil the reach and consequences of complicity with this gender system. I think that articulating this colonial/modern gender system, both in the large strokes, and in all its detailed and lived concreteness will enable us to see what was imposed on us. It will also enable us to see its fundamental destructiveness in both a long and wide sense. The intent of this writing is to make visible the instrumentality of the colonial/modern gender”.

algum tipo de perseguição, como no caso dos judeus portugueses. A historiadora menciona ainda os muitos colonizadores da região, como britânicos, espanhóis, franceses e holandeses que por vezes permaneciam nas colônias, constituindo uma presença *creole* branca (HALL, C.: 1996, p. 68)⁴.

Stuart Hall e Carole Boyce-Davies, entre outros teóricos caribenhos, discutem deslocamentos de natureza diversa como uma condição intrínseca de sujeitos colonizados. Nascidos no Caribe anglófono, na Jamaica e Trinidad e Tobago, respectivamente, porém seguindo trajetórias migratórias distintas, ambos abordam questões cruciais sobre as influências dos processos de colonização e das diásporas sobre a identidade cultural. Em *Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior*, Hall reitera sua convicção de que a identidade cultural do povo caribenho está inexoravelmente ligada a uma história marcada por rupturas criadas e perpetuadas pelo processo de colonização. “O que denominamos Caribe nasceu de dentro da violência e através dela. A via para a nossa modernidade está marcada pela conquista, expropriação, genocídio, escravidão, pelo sistema de engenho e pela longa tutela da dependência colonial” (HALL, 2003, p. 30).

Em consonância com a visão de Hall, Davies argumenta que no contexto das Américas uma visão do Caribe que incorpore uma história de genocídio, escravidão, e brutalidade física requer uma definição de cultura que promova oposição, resistência e transformação (BOYCE-DAVIES, 1994, p. 12). Para que tal transformação aconteça, é necessário recuperar as histórias interrompidas, obliteradas pelo processo colonizador.

Lançando o olhar para o Caribe francófono, a crítica Jana Braziel ressalta a relevância das reflexões de Édouard Glissant sobre o papel da história e da literatura caribenhas como instrumentos de resistência aos paradigmas coloniais (BRAZIEL, 2006, p. 136). Em *Le discours antillais* (1981) / *Caribbean discourse* (1999), o teórico antilhano expõe o uso da História e da Literatura como sistemas totalizantes, utilizados para consolidar os ideais grandiosos da civilização ocidental, fortalecer as ideologias dominantes, e bloquear a documentação e representação da diversidade e da diferença (GLISSANT, 1999, p. 70-71). Observando que a noção de povos “sem história” associada à África – tanto por Hegel como pelo pensamento ocidental em geral – foi difundida no Atlântico Negro através da escravidão e da diáspora, Glissant argumenta que o sistema hierárquico vigente nas plantações do Caribe acabou transformando a área em uma região cuja história é marcada por rupturas. Sugere ainda que a recuperação da memória coletiva, frequentemente apagada através da colonização, demanda por parte do escritor uma escavação profunda dessa memória e o uso da imaginação (GLISSANT, 1999, p. 61-65). Ressaltando a relevância da literatura nesse processo, afirma: “História (vista como expressão ou realidade vivida) e Literatura são parte da mesma problemática: o relato, ou um quadro de referências, das relações coletivas das pessoas com seu ambiente, em um espaço cambiante e em um tempo que muda constantemente” (GLISSANT, 1999, p. 69-70)⁵.

A ambivalência inerente ao termo história, observada por Glissant, é o ponto de partida da discussão de Michel Trouillot em *Silencing the Past* [1995]. Ao sinalizar a participação dupla de seres humanos na história como atores e narradores, Trouillot enfatiza: “No uso vernáculo, história significa tanto os fatos em questão quanto uma narrativa sobre esses fatos, tanto ‘o que ocorreu’ quanto ‘aquilo que se diz ter ocorrido.’” (TROUILLOT, 2016, p. 21). A obra apresenta uma análise detalhada e perspicaz sobre a produção da narrativa histórica, incluindo discussões sobre os variados locais de produção de história, que muitas vezes se sobrepõem, e também sobre os silêncios que atuam durante o processo de produção. Na “Apresentação” da edição comemorativa

⁴ Os *creoles*, ou *criollos*, em espanhol, são os filhos dos europeus nascidos nas colônias e que ocupavam lugares de destaque na sociedade colonial, funcionando como uma elite local, pronta para reprimir as tentativas de rebelião por parte dos indígenas e escravizados. No Caribe, a palavra é usada muitas vezes para se referir aos descendentes miscigenados dos colonizadores europeus com a população afrodescendente. Por conta da especificidade do termo e de sua relação com a região do Caribe, decidimos não traduzir a palavra.

⁵ No original: “History (whether we see it as expression or lived reality) and Literature form part of the same problematic: the account, or the frame of reference, of the collective relationships of men with their environment, in a space that keeps changing and in a time that constantly is being altered”.

dos vinte anos do livro, Hazel Carby ressalta que, para o autor, definir história é menos importante do que entender como ela é produzida (TROUILLOT, 2015, p. xxii)⁶. Nascido e criado no Haiti durante as ditaduras dos Duvaliere parte de uma família de historiadores, Trouillot tornou-se um proeminente historiador e antropólogo. Sua percepção das conexões complexas entre história e poder que influenciam, ou mesmo determinam, quais histórias são contadas e quais são silenciadas, está sintetizada na conclusão do “Prefácio” da obra:

Este livro é sobre história e poder. Lida com as muitas formas em que a produção de narrativas históricas envolve a desigual contribuição de grupos e pessoas concorrentes, que têm um acesso desigual aos meios dessa produção. As forças que pretendo expor são menos visíveis que o fogo das armas, que o direito de propriedade ou que as cruzadas políticas. O meu argumento é que nem por isso são menos poderosas. [...] Também quero rejeitar tanto a proposição ingênua de que somos prisioneiros de nossos passados quanto a sugestão daninha de que a história é o que quer que fizermos dela. A história é fruto do poder, mas o próprio poder nunca é transparente a ponto de sua análise ser supérflua. A marca infalível do poder pode bem ser sua invisibilidade; o desafio inescapável será expor suas raízes (TROUILLOT, 2016, p. 18).

Para combater a invisibilidade do poder e expor suas raízes, é essencial reconhecer “a complexidade dos espaços sobrepostos em que a história é produzida, em especial quando é produzida fora da academia” (TROUILLOT, 2016, p. 48). Da mesma forma, é importante reconhecer que a história pode ser produzida por diferentes “atores”. Pessoas comuns diretamente afetadas por eventos específicos, profissionais da mídia, artistas, entre outras, contribuem frequentemente para a produção de história. Trouillot também aborda o papel dos silêncios nas narrativas históricas, observando que historiadores profissionais muitas vezes não têm autonomia sobre “a armação narrativa em que se inserem suas histórias. Com demasiada frequência, alguém de fora já terá entrado em cena e terá definido o ciclo de silêncios” (TROUILLOT, 2016, p. 58). Enfatiza a necessidade de estratégias diversas para lidar com os silêncios uma vez que são diferentes uns dos outros: “Em outras palavras, qualquer narrativa histórica é um conjunto específico de silêncios, o resultado de um processo singular, e a operação necessária para desconstruir estes silêncios variará de acordo com eles” (TROUILLOT, 2016, p. 59).

II. Rompendo as barreiras do silêncio

Em sintonia com as reflexões de Glissant e Trouillot, porém especialmente atenta à produção de autoria feminina, Myriam Chancy discute obras ficcionais e não ficcionais de escritoras caribenhas que não hesitam em expor os meandros de uma história perpassada pela violência colonial. Em *From Sugar to Revolution*, Chancy, teórica e romancista caribenha renomada que nasceu no Haiti, cresceu no Canadá e reside nos Estados Unidos, avalia a relevância de autoras caribenhas contemporâneas tais como Julia Alvarez, Achy Obejas, Edwidge Danticat, Nelly Rosario, entre outras. Ao discorrer sobre o papel que essas escritoras exercem como “as novas arqueólogas de um sítio histórico ao qual daríamos o nome de ‘amnésia’”⁷ (CHANCY, 2013, p. XXII), deixa claro que não usa o termo arqueóloga para evocar a figura de alguém que observa o Outro.

Elas se veem como participantes ativas em uma crítica da história e da cultura dos

⁶ A apresentação escrita por Carby não está incluída na edição usada no texto (ver referências), daí o uso da edição de 2015.

⁷ No original: “the new archeologists of a historical site we would call “amnesia”.

dias atuais, ao mesmo tempo em que oferecem alternativas plausíveis para as construções estáticas de nação, metrópole, poderes dominantes versus subordinados, e identidade, conforme cada um foi historicamente determinado dentro do ethos caribenho. Assim o fazem, na maioria das vezes, por meio da exploração de raça e de classe, problematizando noções de identidade nacional e às vezes produzindo versões problemáticas de tais variadas identidades (CHANCY, 2013, p. xxiii)⁸.

Utilizando estratégias literárias diversas em seus romances, as escritoras caribenhas contemporâneas expressam preocupação com uma história inegavelmente marcada pela violência colonial, produzindo contranarrativas que desconstruem o discurso homogeneizador da história oficial. As histórias narradas através de personagens geralmente esquecidos e silenciados promovem o resgate da memória coletiva e o fortalecimento da subjetividade dos povos caribenhos.

The True History of Paradise (1999), escrito pela autora jamaicana Margaret Cezaire-Thompson, residente nos Estados Unidos, é uma narrativa polifônica situada numa Jamaica que atravessa um período de estado de emergência. A instabilidade política e a abrupta morte da irmã são gatilhos que fazem com que a protagonista decida fugir do país. A ação principal gira em torno de três dias em 1981 enquanto Jean Landing cruza a ilha de carro em direção a um aeroporto clandestino; no entanto, a narrativa engloba cerca de quinhentos anos, desde o início da colonização da Jamaica. É nesse espaço transitório e cambiante que Jean Landing começa a canalizar as vozes que tem ouvido desde a infância. São as vozes de seus ancestrais contando as H/histórias da Jamaica e de seu povo.

Antes mesmo de iniciar sua narrativa, Cezaire-Thompson utiliza várias estratégias para construir um romance que dialoga com e perturba a historiografia oficial e a colonialidade. A escolha por "a verdadeira história" no título combinada com o uso do termo "romance" na capa sugere que os discursos histórico e literário coexistem em seu texto. Em "Notas da autora", que precede o início da narrativa, reforça a ideia. Além de apontar para um glossário no final do livro, a nota explica que, apesar de os eventos contidos no livro serem baseados em fatos históricos, e apesar de vários locais serem reais, aquela é uma obra de ficção. Outra estratégia usada pela autora é a inclusão de duas páginas que precedem à narrativa e contêm as árvores genealógicas dos ancestrais de Jean – remontando ao século dezessete do lado paterno e ao século dezoito do materno. As árvores, como a própria Jamaica, são como um mosaico, formado por pessoas provenientes da Espanha, da África, do Reino Unido, da Alemanha, e da Índia. Do lado esquerdo da primeira página encontramos uma lista de incidentes históricos, começando com a chegada de Colombo em 1494 e concluindo com a independência da Jamaica em 1962.

Ainda sobre a conexão entre ficção e história, Cezair-Thompson comenta para a revista literária *Small Axe* (2013):

Como alguém que escreve ficção, estou sempre pensando em História. Naipaul (meu mentor inconsciente) disse uma vez que "a história dessas ilhas nunca poderá ser contada de maneira satisfatória", e eu concordo com ele. Ela possui camadas demais para fazer sentido em um romance de estrutura convencional. Mas é isso que torna tudo fascinante. Nós mal começamos a contar as histórias da região e ainda estamos descobrindo a melhor maneira de fazê-lo. Em seu maravilhoso poema "Old Talk or West Indian History", Edward Baugh expressa a profunda relação que existe entre o/a escritor/a e a história, e nos lembra do papel tradicional

⁸ No original: "they see themselves as actively participating in a critique of history and present-day culture, while offering plausible alternatives to the static constructions of nation, metropolis, dominant-versus-subordinate powers, and identity, as each has been historically determined within the Caribbean ethos. They do so, more often than not, by exploring race and class, problematizing notions of national identity, and sometimes producing problematic versions of such variegated identities" (Chancy, 2013, p. xxiii).

do/a escritor/a como bardo e arquivista (CEZAI-THOMPSON, 2013, s.p.)⁹.

Ao todo, *The true history of paradise* apresenta nove histórias, incluindo a de Rebecca Landing e a de Mary "Iyailu", respectivamente a primeira e a última ancestrais, cujas vozes são canalizadas pela protagonista. Rebecca nasceu na Jamaica em 1682 e lá viveu até os doze anos. De acordo com a mãe, a menina é inglesa como ela, mas de acordo com o pai (filho de judeu espanhol), ela é *creole* como ele. Sua narrativa começa descrevendo a Jamaica como um lugar semelhante ao paraíso bíblico. "As flores estavam sempre desabrochando; as frutas amadureciam nas árvores o ano todo. Os rios eram frescos e agradáveis. Éramos filhas do sol, minha irmã Susannah e eu. Ela era minha única companhia" (CEZAI-THOMPSON, 2009, p. 17)¹⁰. Essa quietude, entretanto, não passa das primeiras sentenças e o tom da narrativa muda completamente. Tal como ocorre no livro de Gênesis, a atmosfera idílica dá lugar a uma tragédia e a realidade bruta se apresenta da pior maneira. A devastação provocada por um terremoto na colônia, a morte da irmã mais nova, e o desmoronamento do casamento dos pais transformam a vida de Rebecca. Mãe e filha são enviadas para a Inglaterra; a mãe morre um ano depois e Rebecca é criada pelo tio e por sua esposa, os Gilberts de Monmouth, como se fosse sua própria filha. No entanto, os tios tentam apagar as lembranças que a menina carrega da terra natal e consideram seus relatos frutos de uma "imaginação mórbida" (CEZAI-THOMPSON, 2009, p. 25)¹¹.

Parte da elite *creole* na Jamaica, na Inglaterra Rebecca enfrenta a racialização: algumas pessoas se espantam que ela seja *creole*, dada sua pele tão clara. Ao mesmo tempo, é importante apontar que, tendo crescido como membro de uma elite local, a personagem carrega todas as convicções racistas em relação aos descendentes de africanos, a tal ponto que ela acredita que o estupro de uma mulher escravizada, que muitas vezes resulta em gravidez, não é um crime, mas um plano de Deus. "É possível que seja um plano de Deus para embranquecer os africanos e, assim, melhorar a raça. Embora isso signifique levar os nossos homens à degeneração, devemos aceitar, tal como Sarah aceitou a serva egípcia" (CEZAI-THOMPSON, 2009, p. 25)¹². Por outro lado, a despeito de suas crenças racistas, Rebecca tem consciência de que a História está cheia de mentiras e interpretações equivocadas. A imagem estereotipada da mulher *creole*, disseminada através de livros, lhe causa revolta.

Já li muito sobre as Índias Ocidentais. Sou vista como pedante. Procuo por fatos que correspondam às minhas memórias e procuro em vão. Em um desses livros que se intitulam **HISTÓRIAS** li que mulheres *creole* são cruéis e se envolvem em relações licenciosas. Esses livros me ferem. São espelhos rachados que distorcem a minha imagem do paraíso (CEZAI-THOMPSON, 2009, p. 24)¹³.

Mesmo consciente de que suas histórias e as de muitos outros excluídos das narrativas

⁹ No original: "As a fiction writer, I'm always thinking about history. Naipaul (my unwitting mentor) once said that 'the history of these islands can never be satisfactorily told' and I agree. It's too multilayered to make sense in a conventionally structured novel. But that is what makes it fascinating. We've barely begun to tell the region's stories and are still figuring out how best to do so. Edward Baugh's magnificent poem 'Old Talk or West Indian History' expresses the profound relationship between the writer and history, and reminds us of the writer's traditional role as bard and archivist".

¹⁰ No original: "Flowers out bloomed the seasons; fruit ripened on the trees all year long. The rivers were cool and fresh. We were children of the sun, my sister Susannah, and I. She was my sole companion".

¹¹ No original: "morbid imagination" (CEZAI-THOMPSON, 2009, p. 25).

¹² No original: "It is possibly God's plan to whiten the Africans and so better their race. Though this means our men fall to degeneracy, we must accept, as Sarah accepted the Egyptian handmaiden" (CEZAI-THOMPSON, 2009, p. 25).

¹³ No original: "I have read widely on the subject of the West Indies. Indeed, I am considered bookish. I search for facts equal to my memories, and I search in vain. I read in one of these books, which are called Histories, that Creole women are cruel and that they indulge themselves in licentious amours. These books hurt me. They are cracked mirrors which break the paradise in my mind".

oficiais estão condenadas a serem silenciadas, Rebecca insiste em narrar sua história:

Saiba o que eu sei: o tempo [nos] moldou a partir de centenas de histórias que nunca serão contadas; nossas vozes não são bem-vindas entre os vivos. Fique onde está e morra, ignorada. Ou fuja, viva e fique em silêncio em meio aos imigrantes cujas vidas são como uma carta interrompida. (CEZAI-THOMPSON, 2009, p. 26)¹⁴.

Mary “Iyailu” é a última ancestral da protagonista a dar seu relato. Ela é uma mulher iorubá que foi sequestrada quando criança e levada para a Jamaica como escrava. A narrativa da única ancestral africana a ter voz no romance é totalmente diferente das demais: curta e em forma de poema. Apesar de breve, é provavelmente a que possui mais simbolismo e a única que une passado, presente e futuro. “Iyailu” significa mãe dos tambores ou *dundun* – tambor falante, em iorubá. O *dundun* é um dos instrumentos mais antigos utilizados pelos griôs. São tambores em forma de ampulheta que podem ser regulados e imitar o tom e a prosódia da fala humana. Tal como o instrumento, a voz de Mary precisa ser ouvida. O primeiro verso, apesar de estar em primeira pessoa, evidencia o fato de que a personagem tem consciência de que faz parte de um povo que foi forçado a vir para o continente americano. “Vi o sol brilhar e a chuva cair por três séculos” (CEZAI-THOMPSON, 2009, p. 298)¹⁵. Mary relata a violência e as condições desumanas que enfrentou na viagem; ela compara o período da viagem ao purgatório, um não-lugar:

Você vê a foto num livro de história, você
ouve a história, e você se pergunta como deixamos
que isso acontecesse conosco
eu te conto: naquele navio
pensei que estivesse morta
pensei que estivesse em outra vida
quem pode lutar com Ará-Orum?
(CEZAI-THOMPSON, 2009, p. 299)¹⁶

Em seu poema, “Iyallu” também se mostra preocupada com o presente da Jamaica e considera ser um pecado que tanto as pessoas quanto a natureza estejam sendo destruídas, que haja fome na terra. Suas palavras podem ser lidas como um clamor para essa geração, que se considera pós-colonial, mas dá continuidade a práticas coloniais, revelando, desta maneira, a presença da colonialidade. Por fim, “Iyallu”, aponta para o futuro. Dirigindo-se diretamente à Jean, dá uma missão à protagonista: a incumbência de voltar para a África e contar para sua mãe – para o seu povo – que ela e sua irmã sobreviveram. “Diga a eles que eu cheguei do outro lado do oceano. Que eles saibam. Diga para eles que estamos aqui” (CEZAI-THOMPSON, 2009, p. 299)¹⁷. O papel da protagonista/ narradora é tornar essas histórias conhecidas. Apesar de todo o relato-poema de Iyailu ser doloroso, seu refrão carrega a esperança que ela tem de um dia experimentar a liberdade plena. “Um dia, um dia, Congotay” (CEZAI-THOMPSON, 2009, p. 298)¹⁸ é o verso repetido ao final de várias estrofes. De acordo com *The Dictionary of the English/Creole of Trinidad & Tobago*: on

¹⁴ No original: “Know what I know: Time has shaped you from a hundred histories which will never be told; our voices are not welcome among the living. Stay and die there, unaccounted for. Or escape, live, and be silent among the migratory whose lives are like a discontinued letter” (CEZAI-THOMPSON, 2009, p. 26).

¹⁵ No original: “I see sun shine an’ rain fall on t’ree centuries” (CEZAI-THOMPSON, 2009, p. 298).

¹⁶ No original: “You see picture ina history book, you/Hear story, an you ask how we let/Dis ting happen to we./ I tell you: On dat ship/I did tink me was dead-o,/I tink me in anada life-o/Who can fight AraOrun?” (CEZAI-THOMPSON, 2009, p. 299).

¹⁷ No original: “Tell dem we did mea it cross the water. Mea dem know. Mekdem know we is here” (CEZAI-THOMPSON, 2009, p. 299).

¹⁸ No original: “one-day, one-day Congotay” (CEZAI-THOMPSON, 2009, p. 298).

Historical Principles (2008), esse refrão é uma expressão que indica que “os oprimidos serão finalmente libertos e que um dia a justiça prevalecerá” (WINER, 2008, p. 240)¹⁹. Apesar de distintas, ambas as ancestrais de Jean Landing carregam em si marcas da colonização e da colonialidade, incluindo o silenciamento imposto pela historiografia oficial. Através da protagonista, ambas encontram na ficção o lugar onde suas vozes e histórias podem ser ouvidas e transmitidas.

Song of the Water Saints (2002), o primeiro romance de Nelly Rosario, escritora dominicana que faz parte da diáspora caribenha nos Estados Unidos, não tem como foco principal a violência do Estado nem a representação literária de um evento histórico específico. No entanto, o romance se constitui em um espaço de produção histórica.

A narrativa focaliza a trajetória de quatro gerações de mulheres dominicanas negras e pobres de uma mesma família durante oitenta e três anos e em dois países, a República Dominicana e os Estados Unidos. O romance é dividido em duas partes ou *Canções/ Songs*; a primeira, que abrange a maior parte da narrativa, relata a vida de Graciela e a infância de Mercedes, sua filha, começando em 1916 e terminando em 1929. O movimento, *leitmotiv* do romance, se faz presente na vida de personagens, na natureza e na diáspora de dominicanos que migram para os Estados Unidos. Em entrevista concedida à *Mosaic Literary Magazine*, Rosario discorre sobre a relevância da ideia de movimento constante, ainda que não necessariamente com um destino preciso, para o desenvolvimento do romance, que não possui um enredo propriamente dito:

[...] Não acredito que nossas vidas tenham um enredo traçado. Vagueamos, caminhando sem rumo. Foi assim que escrevi o livro. Não sabia aonde estava indo. Não tinha um esboço delineado. Apenas conhecia minhas personagens. Para mim, esta é a parte mais importante: tentar entender minhas personagens. É isso. [O romance] não tem um clímax, a típica estrutura de romances escritos por homens. Acho que muitas mulheres escrevem assim, fazendo uso de muitos clímaxes (ROSARIO, 2002, p. 35)²⁰.

Ainda que os eventos históricos incluídos no romance não sejam o foco principal da narrativa, eles criam uma tela de fundo vívida que coloca em relevo o entrelaçamento dos eventos políticos e a vida das personagens. O título do primeiro capítulo da Canção I, “Invasões. 1916”, refere-se ao início de uma das muitas ocupações da nação dominicana pelo exército dos Estados Unidos. Cenas gráficas dramatizam a atuação violenta dos ianques que atinge personagens anônimas assim como Graciela e sua família, revelando que a suposta ação protetora dos americanos frequentemente envolvia agressões gratuitas ao povo dominicano.

No início da Canção II, que começa em 1930, há uma breve referência ao presidente enfermo e a ameaça em potencial do então comandante do exército, o ainda desconhecido Trujillo (ROSARIO, 2002, p. 160). Graciela, consumida pela sífilis, fala repetidamente sobre “um militar que estava subindo ao poder, um demônio entre eles, que se arrogava um enviado divino, com o manto de Deus, e iria entregar a nação aos lobos” (ROSARIO, 2002, p. 171)²¹. Os visitantes à sua volta, não conseguem distinguir se as advertências de Graciela são sinais de demência provocada pela doença ou se resultam de um poder visionário que desenvolve no leito de morte. No mesmo ano, como registra a voz narrativa, Trujillo é eleito de forma claramente fraudulenta. Seu nome

¹⁹ No original: “an expression that indicates that the oppressed will finally be freed and one day justice will prevail” (WINER, 2008, p. 240).

²⁰ No original: “[...] I don’t think our lives are plotted. We kind of aimlessly feel our way around. That’s kind of how I wrote the book. I didn’t know where I was going. I didn’t have a master outline. I just knew my characters. That was my whole thing: try to figure out your characters. That’s how it is. I don’t have a climax and that typical male structure of how stories are scripted. I think a lot of women write like that, very multi-climatic (Rosario: 2002, p. 35).

²¹ No original: “a military man who was rising to power, a demon among them who would claim the cloak of God and feed the nation to the wolves”.

completo, os títulos que atribuiu a si mesmo, os trinta e um anos que se manteve no poder até ser assassinado, seu retrato obrigatoriamente pendurado em todas as casas dominicanas – tudo está inscrito na narrativa ficcional em um parágrafo curto e incisivo. A intenção, ao contrário da história oficial produzida durante a longa ditadura de Trujillo, não é honrá-lo, mas manter viva a memória do terror que infringiu tanto aos dominicanos quanto aos haitianos.

O Massacre da Salsa/*Parsley Massacre* figura entre as inúmeras atrocidades cometidas durante o regime de Trujillo. As narrativas oficiais do governo dominicano isentaram o ditador de qualquer responsabilidade e justificaram os acontecimentos como atos de revolta e legítima defesa por parte de camponeses dominicanos. O terrível incidente ficou esquecido por mais de seis décadas, até Edwidge Danticat publicar *The farming of bones* em 1998. Danticat que nasceu no Haiti, migrou para os Estados Unidos aos doze anos, é um dos expoentes da literatura caribenha contemporânea. A escritora relembra que ao visitar o local do massacre para fazer pesquisa para o romance descobriu que não havia qualquer placa registrando ou pedindo desculpas pelo acontecido. “A vida seguia naturalmente. Foi aí que me dei conta da fragilidade da memória. Ela pode desaparecer no ar se assim o permitirmos” (SHEA, 1999, p. 21)²². O impacto desta reflexão leva Danticat a escrever um romance cujo tema principal é a necessidade de lembrar e a criar uma protagonista que sobrevive ao massacre e entende que por mais doloroso que seja, é preciso narrar o que aconteceu em suas próprias palavras.

Em *The Song of Water Saints*, no capítulo “Mercedes e Andrés – 1937”, as referências ao incidente ocupam pouco mais de uma página, mas as descrições gráficas causam grande impacto e fazem parte da produção histórica sobre o massacre. A voz narrativa deixa claro que “o genocídio dos haitianos” (ROSARIO, 2002, p. 180) acontece em outra área, em localidades na fronteira entre a República Dominicana e o Haiti. Entretanto, conforme os rumores se espalham, o medo e a discórdia crescem entre os personagens: a animosidade contra os haitianos –fomentada por Trujillo –é forte, porém não é unânime. Um dos personagens, Mustafa, imigrante sírio que estava visitando parentes perto de um dos locais do massacre é vítima de violência. Quando retorna, sua mão esquerda havia sido decepada e tinha um ferimento na cabeça, mas ele se recusa a falar sobre sua experiência. No romance, a violência contra o personagem sírio reforça suspeitas de que além de haitianos, dominicanos negros e outras pessoas com pele escura estavam entre as vítimas.

A violência praticada pelo Estado raramente encontra espaço na história oficial. As reflexões de Homi Bhabha sobre a tensão que existe entre a narrativa pedagógica de uma nação e as narrativas que as pessoas produzem na vida cotidiana como cidadãos/ãs daquela nação (BHABHA, 1998, p. 207) nos remetem a Michel Trouillot. A história é produzida em muitos espaços, dentro e fora da academia. A desigualdade entre os locais de produção influencia tanto a disseminação quanto o apagamento de incidentes históricos. *The true history of paradise* e *Song of the water saints* estão entre as obras literárias contemporâneas que contribuem para criar uma cadeia de memórias, algumas muito dolorosas, mas cruciais para quebrar silêncios perpetuados por muito tempo. Quando as pessoas que geralmente são esquecidas, adquirem voz/visibilidade, contam suas histórias e são ouvidas, a luta contra a amnésia histórica e ciclos de injustiça torna-se uma possibilidade viável ao invés de uma ficção.

Referências

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998 (1994).

BOYCE-DAVIES, Carole. *Black women, writing and identity: migrations of the subject*. London, New York: Routledge, 1994.

BRAZIEL, Jana Evans. Another line was born: genesis, genealogy, and genre in Jamaica Kincaid’s *Mr. Potter*. In:

²² No original: “Life was just going on. That’s when I realized how fragile memory is. It can just vanish in the air if we let it”.

- LANG-PERALTA, Linda (Ed). *Jamaica Kincaid and Caribbean Double Crossings*. Cranbury, NJ: Associated University Presses, p. 127-150, 2006.
- CEZAIER-THOMPSON, Margaret. *The true history of paradise*. New York: Random House, 1999.
- CEZAIER-THOMPSON, Margaret. History, fiction, and the myth of marginality: portrait of the writer as a young woman. In: *Small Axe: a Caribbean Journal of Criticism*, v. 11, 2013. Disponível em: <http://smallaxe.net/sxsalon/discussions/history-fiction-and-mythmarginality>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- CHANCY, Myriam. *From sugar to revolution: women's vision of Haiti, Cuba, and the Dominican Republic*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 2013.
- GLISSANT, Edouard; DASH, Michael J. (trad.). *Caribbean discourse: selected essays*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1999.
- HALL, Catherine. Histories, Empires and the Post-Colonial Moment. In: CHAMBERS, Iain; CURTI, Linda, eds. *The post-colonial question: common skies, divided horizons*. London: Routledge, 1996, p. 65-77.
- HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. Tradução Adelaine La Guardia Resende. In: SOVIK, Liv (Org). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- LUGONES, Maria. The Coloniality of Gender. In: *Worlds & Knowledges Otherwise*, v. 2, Dossier 2, 1-17, 2008.
- QUIJANO, Anibal. Coloniality of Power, Eurocentrism, and America Latina. In: *Nepantla*, v. 1, n. 3, p. 533-580, 2000.
- QUIJANO, Anibal. Coloniality and Modernity/Racionality. In: *Cultural Studies*, v. 21, n. 2-3, p. 168-178, 2007.
- ROSARIO, Nelly. *Song of the water saints*. New York: Vintage Contemporaries, 2002.
- ROSARIO, Nelly. Nelly Rosario: Interview. [Conduzida por] Angeli Rasbury. *Mosaic Magazine: Literary Arts of the Diaspora*. Disponível em: <https://mosaicmagazine.org/nelly-rosario-interview/>. Acesso em: 21 ago. 2020.
- SHEA, Renee H. The Hunger to Tell: Edwidge Danticat and *The Farming of Bones*. *Macomere*, v. 2, p. 12-22, 1999.
- TROUILLOT, Michel-Rolph. Tradução Sebastião Nascimento. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Curitiba: Huya, 2016.